

Cardoso decide se candidatar à Presidência

■ Ministro fechou acordo com o PFL, apaziguou o PSDB e obteve de Itamar a permissão para indicar seu sucessor na Fazenda

Brasília — Jamil Bittar

FRANKLIN MARTINS

BRASÍLIA

O ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, já decidiu que deixará o cargo para se candidatar à Presidência da República e comunicou sua resolução ao presidente da Itamar Franco, que ficou eufórico com a notícia. Ficou acertado que ele nomeará quem quiser como seu sucessor no Ministério da Fazenda. Nas próximas semanas, ele entregará o nome de sua preferência ao presidente. A assessoria do ministro e os principais dirigentes tucanos negam, entretanto que a decisão já esteja tomada.

Antes de resolver sair candidato, Fernando Henrique deu dois passos decisivos. Primeiro, reuniu-se anteontem, durante o café da manhã, com a cúpula do PFL, a quem disse que vê com bons olhos uma aliança eleitoral entre os dois partidos e de quem recebeu as garantias de que a proposta de entendimento lançada pelo PFL é para valer. Além disso, arrancou dos principais dirigentes tucanos a definição de que a responsabilidade pela condução da política de alianças caberá ao candidato e de que o PSDB não se envolverá numa guerra interna por causa dessa questão.

Tucanos e pefelistas, de público, insistem em negar que Fernando Henrique já tenha decidido deixar o cargo, embora acreditem que esta será sua posição. "Ele está procurando saber onde está pisando para poder tomar uma decisão", resumiu o deputado José Serra (PSDB-SP), depois de almoçar com o ministro, o presidente do PSDB, Tasso Jereissati, os senadores Mário Covas (SP) e José Richa (PR) e o ex-deputado Pimenta da Veiga. "Fernando Henrique está na mesma situação de Tancredo Neves antes de deixar o governo de Minas em 1984 para disputar contra Ma-

luf no Colégio Eleitoral. Quer ter certeza de que não está largando o cargo para entrar numa aventura", esclareceu um dos mais importantes dirigentes do PFL, que prefere ficar no anonimato.

No café da manhã de anteontem com os pefelistas, o ministro deixou claro que aposta numa ampla aliança eleitoral, mas pediu tempo para tratar das resistências internas em seu partido a essa proposta. A argumentação de Fernando Henrique sensibilizou seus interlocutores. Eles acertaram que, nos próximos dias, o PFL evitará cobrar qualquer definição do PSDB, dedicando-se a consultar parlamentares e prefeitos do partido por todo o país para sentir se a preferência deles recai sobre a candidatura própria ou a aliança eleitoral. Todos já sabem o resultado dessa consulta: o PFL está jogando todas as suas fichas na coalizão com o PSDB. O importante é que essa estratégia dá a Fernando Henrique o tempo que ele precisa.

Com os tucanos, o ministro desenvolveu nas últimas 48 horas um grande esforço para pacificar o partido, que exibiu claramente suas divergências a respeito da possibilidade da aliança com o PFL. Duas de suas principais figuras — o governador do Ceará, Ciro Gomes, e o senador Mario Covas — trocaram declarações áspers pelos jornais por causa do tema. Ciro defende a coligação com os pefelistas, que Covas considera pouco afinada com o programa do partido. O senador paulista, porém, já disse que acatará a tese da aliança, se ela for majoritária entre os tucanos.

Além disso, Fernando Henrique interveio na disputa pela liderança do PSDB na Câmara, que opunha José Serra (SP) e Sérgio Machado (CE), ligado a Tasso, pedindo que os dois não perdessem de vista a delicadeza do momento político. Os dois retiraram-se da disputa e os deputados tucanos, por aclamação, elegeram o fluminense Artur da Távola como novo líder.



Itamar recebeu com euforia a decisão de Cardoso, que anuncia nas próximas semanas nome do sucessor